

Documento 100 da CNBB
Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia

Apresentação de D. Leonardo

- A origem da Igreja-comunidade está nas palavras e obras de Cristo.
- A morte, ressurreição e vinda do ES fazem dos apóstolos comunidade.
- Quem conhece Cristo e nasce Dele forma comunidade, sinal do Reino.
- A comunidade evangeliza e testemunha a alegria do Evangelho.
- Preocupa-nos quem não tem a dimensão da fé e esperança em Cristo.
- A rede de comunidades expressa a vitalidade e dinâmica de ser Igreja.
- A conversão pastoral da paróquia ilumina a caminhada da Igreja.
- A comunidade de comunidades é lugar da escuta da Palavra de Deus.
- Assim a paróquia forma e incentiva os seus membros para evangelizar.
- A paróquia comunidade de comunidades é dinâmica e missionária.
- Ela é nova no espírito, no ardor e dinâmica no anúncio da Palavra.
- Papa Francisco: pastoral é exercício da maternidade da Igreja.
- Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta e conduz pela mão.
- A conversão da paróquia significa ampliar a formação de comunidades.
- Com isto, torna-se, a partir da Palavra, permanentemente missionária.
- Supõe superar a acomodação e o desânimo dos agentes pastorais.
- É desinstalar-se e ir ao encontro dos irmãos que estão distantes.
- Assim a Igreja gesta, dá à luz Jesus e vive no meio das casas.

Introdução

- A paróquia durante muitos séculos tem sido presença pública da Igreja.
- A mudança de época e a secularização diminuíram sua influência.
- Por isto cresce o desafio de renová-la tenso em vista sua missão.
- A Evangelii Gaudium diz que a paróquia “não é uma estrutura caduca”.
- Ela possui uma plasticidade e pode assumir formas diferentes.
- É fundamental que tenha docilidade e criatividade na missionariedade.
- Precisa ter novo olhar, novas reflexões e nova prática pastoral hoje.
- Olhar quais os sinais dos tempos que interpelam a paróquia hodierna.
- Detectar aspectos da realidade que clamam por conversão pastoral.
- Recuperar dados bíblicos sobre as primeiras comunidades cristãs.
- Com isto, é preciso ir às fontes para haver conversão da paróquia.
- É importante recuperar pontos da história que merecem atenção.
- Evidenciar fundamentos eclesiológicos da comunidade no Vaticano II.
- Destacar os sujeitos e tarefas da conversão pastoral na paróquia.
- São apresentadas propostas para comunidade de comunidades.

CAP I – Sinais dos tempos e conversão pastoral

- O Vaticano II propõe diálogo na relação da Igreja com a sociedade.
- A Igreja passa a conhecer os “sinais dos tempos”, presença de Deus.
- Para sua missão, ela deve se revitalizar sempre no Espírito Santo.
- Sua identidade vem do Espírito Santo que a renova sempre.
- A nova realidade deve ser vista com olhos de discípulos missionários.
- Um olhar que esteja nutrido pelo Evangelho e na ação do Espírito.

1.1. Novos contextos: desafios e oportunidades

- Novas tecnologias, avanço da informática e experiências inimagináveis.
- Emergência da subjetividade com pontos positivos e outros negativos.
- Cresce a identidade social, mas enfraquece os vínculos comunitários.
- Há despertar do ego e dificuldade de alguns em pensar no outro.
- Liberdade/autonomia e dispensa da família, da religião e da sociedade.
- Nos direitos individuais, cresce a indiferença em relação ao outro.
- Dificulta planejar o futuro, porque o que conta é o aqui e agora.
- É a cultura imediatista que afeta a todos, principalmente os jovens.
- Esta cultura individualista, que compra satisfação, ajuda os shoppings.
- Continua: pobreza, violência, exclusão social e cultura do descartável.
- Temos grandes cidades, que crescem de forma desordenada e rápida.
- Isto dificulta a pastoral e os agentes ficam na pastoral de manutenção.
- Os migrantes caem no anonimato e solidão, porque são mal acolhidos.
- Os meios de comunicação mudam hábitos e criam necessidades.
- A Internet é território sem fronteira e cria novos espaços e horizontes.
- A Igreja precisa saber inculturar o Evangelho no contexto virtual.
- A renovação paroquial exige novas formas de evangelizar.
- A sociedade tem se pautado pelo laicismo e pela secularização.
- O cristianismo perde influência em decisões morais da sociedade.

1.2. Novos cenários da fé e da religião

- A vivência da fé tem estado muito ligada a interesses pessoais.
- Há busca de cura e prosperidade formando novos grupos religiosos.
- Cresce o número dos que se declaram sem religião e sem fé.
- Há os que acreditam em Deus, mas não querem relação religiosa.
- O pluralismo liberta, mas desorienta e gera fragmentação.
- Católicos buscam conforto nas dificuldades e caem no indiferentismo.
- Temos hoje o desafio da opção de fé numa sociedade pluralista.
- É até desafiante para a vida pessoal manter a identidade cristã.
- Para muitos, a vivência religiosa tem sido apenas de forma midiática.
- Jovens conectados nas redes sociais e idosos que preferem a televisão.
- Com isto vai desaparecendo o sentido de pertença comunitária.
- Há uma adesão parcial à fé cristã e pouco engajamento na paróquia.

- Muitas pessoas ajudam em campanhas midiáticas e não sua paróquia.

1.3. A realidade da paróquia

- As paróquias no Brasil têm desafios comuns e estão unidas em diocese.
- Muitas paróquias não assumiram as propostas do Concílio Vaticano II.
- Ficam muito fechadas em atender sacramentos e cultivar devoções.
- Assim, toda ação pastoral fica concentrada na pessoa do pároco.
- Sem preocupação missionária e espera que as pessoas a procurem.
- Desta forma a evangelização é apenas para fortalecer a fé dos cristãos.
- Outras paróquias conseguiram dar passos de conversão pastoral.
- Evangelização e catequese como processo de Iniciação à vida Cristã.
- Tem animação bíblica da pastoral, liturgia viva e participativa.
- Atuação da juventude, ministérios, conselhos e vínculos comunitários.
- São paróquias em que a pastoral é de comunhão e participação.
- É fundamental a formação de pequenas comunidades na paróquia.
- O desafio é vencer a mesmice sendo ousado e criativo na missão.
- Apesar da atividade dos presbíteros, os leigos sejam atuantes.
- Preocupa candidatos a padre sem formação de discípulos missionários.
- É causa a fragmentação das famílias e a cultura que impacta o jovem.
- Há também grupos fechados que agem sem comunhão com a diocese.
- Outros promovem fundamentalismo católico e comprometem a Igreja.
- O sentimento de superioridade espiritual é fuga da realidade do mundo.
- É desafio comunidade como instituição e não como comunidade.
- Outras vivem o tempo todo voltadas para festas, almoços e bailes.
- É preciso questionar sua identidade de Igreja vazia e de baile cheio.
- A comunidade é formada de fé, esperança e caridade, na partilha.
- Há paróquias que projetam uma Igreja distante e burocrática.
- Estruturas novas e já caducas: reuniões longas e sem interação.

1.4. A nova territorialidade

- O critério do território é importante, mas levar em conta as relações.
- A mobilidade, mais urbana, possibilita muitos fluxos nas relações.
- Levar em conta o lugar onde a pessoa vive a sua fé e a compartilha.
- É mais importante hoje a pertença à comunidade do que ao território.
- Há também as comunidades ambientais sem espaço geográfico.
- A burocracia de horários e atendimentos não corresponde mais hoje.
- Mas não descartar a territorialidade como referência para as pessoas.
- Crescendo a população, a tendência natural é criar novas paróquias.
- Mas é preciso aprofundar a criação de paróquia não territorial.
- O mundo virtual cria novas comunidades nos seus relacionamentos.

1.5. Revisão de estruturas obsoletas

- Por ativismo, há muita energia desperdiçada em conservar estruturas.
- As novas realidades do mundo provocam inquietações novas.
- Todas as estruturas paroquiais precisam ser mais missionárias.
- Devem colocar os seus membros em atitudes de "saída" missionária.
- Anunciar Jesus Cristo com uma linguagem mais acessível e atual.
- Há excesso de burocratização e falta de acolhida nas secretarias.
- Vemos um predomínio do aspecto administrativo sobre o pastoral.
- Também sacramentalização sem outras formas de evangelização.
- As paróquias precisam rever suas atividades de atuação caducas.
- É urgente fomentar na paróquia a mística do discipulado missionário.
- Somente a missionariedade consegue derrubar estruturas caducas.

1.6. A urgência da conversão pastoral

- A transformação da paróquia tem que ser permanente e integral.
- Isto só acontece se houver renovação missionária das comunidades.
- Mudanças estruturais, métodos eclesiais e novas atitudes dos pastores.
- As mudanças acontecem quando houver conversão a Jesus Cristo.
- A conversão pastoral exige então conversão pessoal e comunitária.
- Conversão requer nova mentalidade quanto à maternidade da Igreja.
- Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta e conduz pela mão.
- Conversão que faz a Igreja redescobrir as entranhas da misericórdia.
- Estamos num mundo de "feridos", que precisam de perdão e amor.
- Transformar as estruturas é expressão externa da conversão interna.
- Comunidade revitalizada: acolhedora, samaritana, orante e eucarística.
- O medo de mudança leva ao fechamento em métodos antigos.

1.7. Conversão para a missão

- Passar de uma pastoral interna para uma que dialoga com o mundo.
- Sair de detalhes secundários e ocupar-se com que propõe o Evangelho.
- Não é modernizar a Igreja, mas ter maior fidelidade a Jesus Cristo.
- A preocupação interna paroquial atrai cada vez menos pessoas.
- O discípulo de Cristo não pode ser pessoa isolada e nem intimista.

1.8. Breve conclusão

- As paróquias estão desafiadas diante das rápidas mudanças do mundo.
- Implica ter coragem e enxergar os limites de nossas práticas atuais.
- Há necessidade de maior ousadia missionária no anúncio do querigma.

CAP II – Palavra de Deus, vida e missão nas comunidades

- A comunidade cristã se inspira na Palavra testemunhada por Jesus.
- É preciso revisitar o contexto em que o Senhor estabeleceu a Igreja.
- A comunidade deve ter inspiração na vida de Jesus e dos apóstolos.

2.1. A comunidade de Israel

- No antigo Israel, a comunidade era firmada pela Aliança com Deus.
- O povo israelita era chamado de povo eleito e convocado por Deus.
- Eram importantes os vínculos comunitários e familiares em Israel.
- No tempo de Jesus os impostos levavam as famílias ao fechamento.
- Jesus participava da vida comunitária testemunhando a seu favor.

2.2. Jesus: o novo modo de ser pastor

- Jesus se apresenta como Bom Pastor e acolhia com bondade e ternura.
- Ele apresenta novo modo de acolher as pessoas indo ao seu encontro.
- Tinha um cuidado especial com os pobres, que eram pessoas excluídas.
- Jesus ensinava usando linguagem simples que atingia a todos.

2.3. A comunidade de Jesus na perspectiva do Reino de Deus

- Jesus tinha certeza e consciência clara de sua missão de evangelizar.
- Ele entrava nas casas das famílias e incentivou os apóstolos a isto.
- Entrar na casa significava entrar na vida das pequenas comunidades.
- Ao lado de Jesus nasceu uma comunidade formada pelos discípulos.
- Com Jesus as comunidades foram aprendendo novo jeito de viver.
- Marcas: simplicidade, igualdade, partilha, amizade, serviço, perdão.
- Ainda: oração em comum, alegria, hospitalidade, comunhão e acolhida.
- É nova forma de ser e agir em comunidade numa cultura de contrastes.
- O Reino de Deus implica nova maneira de viver e conviver em Cristo.

2.4. As primeiras comunidades cristãs

- Os apóstolos reconheceram o ressuscitado, que envia o Espírito Santo.
- O Espírito Santo desperta carismas e guia a Igreja em suas decisões.
- A partir daí, os apóstolos criaram comunidades marcadas pela fé.
- As comunidades eram reunião de fieis que se sentiam chamados.
- Os cristãos perseveravam na comunhão, fração do pão e nas orações.
- As comunidades ainda se apoiavam nos ensinamentos dos apóstolos.
- As palavras dos apóstolos eram consideradas como Palavra de Deus.

2.4.1. A comunhão

- O centro de unidade das 1^{as} comunidades cristãs era a eucaristia.
- A eucaristia era comunhão de algo, pão e vinho, e com alguém, Cristo.
- Ela nutre a esperança, sustenta a fé em Cristo e motiva a caridade.
- Na comunidade todos são irmãos na amizade e na comunhão.

2.4.2. A partilha

- A comunidade primitiva vivia plenamente a comunhão de bens.
- A partilha não era imposta, mas expressão natural do amor de Cristo.
- Isto mudava inclusive o sentido do dízimo, visto como expressão de fé.
- Paulo diz que Deus ama quem partilha com alegria (II Cor 9,7).
- Promove coletas como sinal de solidariedade e comunhão (II Cor 8-9).
- O gesto da partilha em Cristo se estende para todas as pessoas.
- É dom material como sinal da relação entre as pessoas na comunidade.
- Comunhão que surgiu na Páscoa, criando amizade na comunidade.

2.4.3. A iniciação cristã

- O batizado é homem novo, seguidor de Cristo e ungido para a missão.
- Começa com o anúncio do querigma e acolhida de Cristo Salvador.
- Isto passava por um processo catecumenal com ritos comunitários.
- Tudo levava a um encontro pessoal com Jesus Cristo ressuscitado.
- Levava também à vida comunitária e a um novo jeito de agir.
- O catecúmeno participava só da Celebração da Palavra e saía.
- Participava da liturgia eucarística só após receber o batismo e a crisma.
- Na quaresma ocorria a purificação e a iluminação, forma de catequese.
- Na vigília pascal ele era batizado, crismado e recebia a 1^a comunhão.
- A partir daí, o neófito tornava-se um novo homem em Jesus Cristo.
- Continuava a formação num processo mistagógico de aprofundamento.

2.4.4. A missão

- Jesus envia a Igreja em missão: "Ide e fazei discípulos" (Mt 28, 19).
- A tarefa era de anunciar a salvação para todas as pessoas do mundo.
- O anúncio era por palavras e por gestos sobre o Evangelho do Reino.
- Foi o que fez Paulo em suas diversas viagens missionárias.
- Para isto ele contou com casais missionários, destacando as mulheres.

2.4.5. A esperança

- Apoiados na ressurreição, os cristãos foram testemunhas da esperança.

- O anúncio feito pelas comunidades estava centrado na ressurreição.
- Era fundamental: a esperança na vinda de Cristo no fim dos tempos.
- Os convertidos se consideravam membros do novo povo de Deus.
- A espera da vinda de Cristo fez o povo de Deus sentir-se peregrino.
- Pertencer uma comunidade era como sentir herdeiro do Reino de Deus.
- Era sentir-se caminheiro, peregrino na busca do Salvador.

2.5. A Igreja-comunidade

- Paulo funda várias comunidades nas margens do Mar Mediterrâneo.
- Chamava as comunidades reunidas nas casas de Igrejas Domésticas.
- As casas eram locais de acolhida dos fieis para ensino da Palavra.
- A Igreja no Novo Testamento é assembleia convocada por Deus.
- Ekklesia é comunidade reunida para a Liturgia, a Palavra e a Ceia.
- Significa ainda reunião pública, reunião do povo da Aliança.
- Nas comunidades havia a presença fecunda do Espírito Santo.
- Nelas o Reino de Deus se revela no anúncio da Palavra e nas obras.

2.6. Breve conclusão

- O ser humano não é concebido como isolado e autônomo.
- Ele é membro de uma comunidade do povo da Aliança.
- Forma-se nas relações que se estabelece na vida da comunidade de fé.
- Os 1^{os} cristãos, em comunidade, formavam o novo povo de Deus.
- Comunidades de cristãos que servem de inspiração para hoje.
- Não eram modelos únicos, mas deixam elementos e critérios para hoje.
- Não podemos ter medo de aceitar e criar novos modelos.
- Assim a Igreja estaria atendendo as exigências dos novos tempos.

CAP III – Surgimento da paróquia e sua evolução

- A dimensão comunitária da fé passou por mudanças significativas.
- A paróquia atual começou como Igreja Doméstica, a partir das famílias.
- Ela é um instrumento importante de identificação da vida cristã.
- Há aspectos históricos que devem ser recuperados e outros revistos.

3.1. As comunidades da Igreja antiga

- As comunidades cristãs primitivas não perderam esperança em Cristo.
- Mesmo com as perseguições do Império Romano, foram fieis na fé.
- Os cristãos eram disfarçados na clandestinidade e muitos martirizados.
- O refúgio dos cristãos no tempo de contrastes era nas comunidades.
- Aprofundou-se ideia de fraternidade e separação de costumes pagãos.

- Cresceu o sentido de irmandade e os cristãos chamados de irmãos.
- Cuidavam das viúvas, desempregados presos, órfãos, velhos, doentes.
- Do jejum destinava aos pobres tudo que deixavam de consumir.
- Daí foram surgindo as obras de caridade que chegam até hoje.
- Os contrastes eram enormes, mas a Igreja cumpria sua missão.

3.2. A origem das paróquias

- O edito de Milão, 313, declarou liberdade religiosa no Império Romano.
- O edito de Tessalônica, 381, de Teodósio, religião oficial do Império.
- Aos poucos, o cristianismo foi se tornando religião massiva e anônima.
- As novas organizações prejudicaram a relação existente de Igreja-casa.
- No final do séc. III surgem lugares fixos chamados de *domus ecclesiae*.
- Aí eram feitas as reuniões da comunidade, sob direção de presbítero.
- Final do séc. IV, em Roma, os lugares de culto chamavam-se *titulus*.
- Séc. V aparece a paróquia com maior autonomia, com várias funções.
- Aos poucos, o sistema paroquial vai se impor também na cidade.
- Surge a paróquia já com demarcações territoriais e as dioceses.
- Nas paróquias a eucaristia passou a ser extensão da ação episcopal.
- O presbítero realizava os ritos batismais e o bispo os da crisma.
- As paróquias rurais foram aos poucos se estendendo para as cidades.
- Em 476 aconteceu o fim do Império Romano do ocidente.
- Houve a invasão dos bárbaros, que assimilaram a cultura romana.
- Começa uma nova etapa nas comunidades cristãs.
- Surge uma estreita ligação entre a Igreja, o Estado e a sociedade.
- Aparecem Ordens Religiosas e Mosteiros com nova espiritualidade.
- O mundo parece dividido em dois polos: o temporal e o espiritual.
- Assume o papa Gregório VII, de Cluny, coroado como Imperador.
- Gregório VII assume a reforma gregoriana em busca das origens.
- Mas firmava o poder papal contra as ameaças dos senhores feudais.
- A Igreja passa a ser mais instituição jurídica do que sacramental.
- A paróquia continuava sendo uma referência para os cristãos.
- Trento, séc. XVI, não modificou o perfil estrutural da paróquia.
- Insistiu que o pároco passasse a residir no território da paróquia.
- Estabeleceu critérios da territorialidade e criação de novas paróquias.
- Esse Concílio instituiu o Seminário para a formação sacerdotal.
- O modelo da paróquia do Concílio de Trento chegou até o Vaticano II.

3.3. A formação das paróquias no Brasil

- No século XVI o catolicismo, vindo da Europa, chegou ao Brasil.
- Esse fato histórico aconteceu com ordens religiosas e irmandades.
- As ordens religiosas insistiam em devoções particulares nas regiões.

- Em 1855, medidas do Império fecharam os noviciados no Brasil.
- Irmandades abaladas, umas fecharam e outras se secularizaram.
- Continua um cristianismo com as tradições populares do povo.
- As paróquias ficaram como únicas instâncias do catolicismo no país.
- Com a chegada da Proclamação da República, 1889, a situação mudou.
- Chegaram congregações religiosas trazendo o modelo europeu.
- Foi dado destaque para a escola católica e ajuda nas paróquias.
- Na pluralidade, não havia preocupação com a unidade das paróquias.
- Católicos leigos em associações, com muita reza e pouca missa.
- No século XIX ocorreu o chamado processo de instauração.
- A intenção era introduzir no Brasil a reforma do Concílio de Trento.
- Mas continua a busca por festas, procissões, culto aos santos e rezas.
- A paróquia ficou sendo lugar como de exclusividade do padre.
- Os leigos a procuram apenas para atos religiosos e sacramentos.
- Sua finalidade era para atender às necessidades das famílias católicas.
- O Código de 1917 a define como menor circunscrição local e pastoral.

3.4. A paróquia no Concílio Vaticano II

- No Concílio, a paróquia só pode ser compreendida a partir da diocese.
- Pode ser entendida como célula da diocese, comunidade local dos fiéis.
- A paróquia é parte integrante da Igreja Particular, da diocese.
- O mundo é o lugar dos discípulos que foram convocados por Cristo.
- Daí surge o sentido mais comunitário e missionário da paróquia.
- O Vaticano II insiste que a comunidade paroquial tenha maior abertura.
- Ela deve ultrapassar os limites territoriais no trabalho missionário.

3.5. A renovação paroquial na América Latina e no Caribe

- Na década de 60 surgiu um novo cenário social, econômico e político.
- Causas: regime militar, violação de direitos, êxodo rural, pobreza etc.
- Muitas comunidades se tornaram refúgio de pessoas perseguidas.
- Tornaram-se ainda centros de denúncia de torturas e busca de justiça.
- Em Medellín, 1968, a Igreja reforçou seu compromisso de justiça.
- Medellín sugeriu formar comunidades eclesiais nas paróquias.
- Que a vida de fé tivesse um aspecto mais comunitário e social.
- Foi sugerida também a instituição do diaconato permanente.
- Puebla, 1979, viu a paróquia como centro de coordenação e animação.
- Deveria animar as comunidades, os grupos e os movimentos.
- A partir daí expandiram-se as comunidades eclesiais de base.
- Santo Domingo, 1992, vê a paróquia mais como família de Deus.
- Santo Domingo já fala de paróquia como comunidade de comunidades.
- Destacou que a paróquia não é território, estrutura, mas família.
- Definiu-a como a Igreja que vive no meio das casas dos cristãos.

- Fala também em rede de comunidades e de revitalização paroquial.
- Aparecida, 2007, teve como grande apelo a conversão pastoral.
- Abandonar estruturas obsoletas e formar comunidades missionárias.
- Daí surgiu o título de comunidade de comunidades, nova paróquia.
- Paróquia célula viva da Igreja e casa e escola de comunhão.

3.6. A renovação paroquial no Brasil

- A renovação da paróquia começou com o Plano de Emergência, 1962.
- Deu-se um destaque especial para a diocese como lugar de comunhão.
- Os leigos devem participar da tríplice missão: fé, culto e caridade.
- Nas vésperas do Concílio já se pensava numa pastoral de conjunto.
- Isto deveria superar a pastoral de conservação e ter mais abertura.
- As CF de 1964 e 1965 tiveram como temas a renovação da paróquia.
- As Diretrizes Gerais de 2011-2015 dizem da importância das paróquias.
- Ideia da CNBB: as paróquias serem comunidade de comunidades.
- O texto 104 foi amplamente estudado no país com grande interesse.
- Também o papa Francisco disse que não podemos ficar fechados.
- Ele destaca a urgência de uma paróquia mais missionária e pastoral.
- A paróquia deve incentivar e formar as pessoas para evangelizar.
- Na Exortação o papa diz que a paróquia é santuário e lugar de envio.
- A paróquia: de viva comunhão, participação e orientação à missão.

3.7. Breve conclusão

- Nas paróquias há a extensão da mensagem do pastor diocesano.
- Mosteiros, Reforma Gregoriana e Trento pensaram na organização.
- O Vaticano II quis recuperar a comunhão da comunidade e ministérios.
- As Conferências falaram em rede de comunidades, conversão pastoral.
- A CNBB quer a paróquia mais discípula e mais missionária para hoje.

CAP IV – Comunidade paroquial

- O fundamento da comunidade-Igreja está na Santíssima Trindade.
- Pelo Espírito recebe o dom da unidade, que se expressa na paróquia.
- A paróquia é a extensão da Igreja Particular e da Eucaristia episcopal.
- O Vaticano II define a paróquia como sendo "célula da diocese".

4.1. Trindade: fonte e meta da comunidade

- Igreja, projeto do Pai, criatura do Filho e vivificada pelo Espírito Santo.
- Ela tem sua origem na Trindade e por isto é comunidade de amor.
- Vive o amor que permite acolhida e doação, capaz de unir diferenças.

- A comunhão e a missão trinitária inspiram missão da comunidade.
- Uma comunidade só pode ser chamada de cristã se ela vive a missão.
- Assim temos a diocese, as paróquias e as comunidades na diversidade.

4.2. Diocese e paróquia

- A criação de uma nova paróquia significa nova presença da Igreja.
- A comunhão da Igreja é mistério, além das aparências externas.
- Por isto, ela supera a unidade sociológica e harmonia psicológica.
- Reflete comunhão dos santos e em comunhão com a Igreja no céu.
- Visa a salvação que considera e transcende o mundo visível.

4.3. Definição de paróquia

- Ela é caminho de passagem para os cristãos em direção à Salvação.
- Mas também tem uma estabilidade no sentido de vida comunitária.
- Catecismo da Igreja Católica, Código 1983 e Vaticano II em sintonia.
- Dizem: Comunidade de fieis, estável, com o pároco, pastor próprio.
- Importantes: comunidade de comunidades e comunhão com a diocese.
- Isto se faz através da ação do pároco em comunhão com o bispo.
- Na paróquia deve acontecer o modelo de comunidade dos 1^{os} cristãos.
- Quatro: fração do pão, comunhão fraterna, orações e ensinamento.
- Da paróquia derivam 3 tarefas: comunhão de fé, de culto, de caridade.
- O Catecismo destaca a oração comunitária acima da oração privada.

4.4. Comunidade de fieis

- Entende-se comunidade agrupamento humano com algo em comum.
- Em nível de Igreja, o que forma comunidade é o batismo e a eucaristia.
- É comunidade que partilha, que professa a fé e testemunha a caridade.
- A paróquia deve ser casa-comum, onde todos partilham a vida divina.
- O Concílio Vaticano II concebe a paróquia como comunidade de fieis.
- O sentido comunitário faz com que o cristão seja realizado na vida.

4.5. Território paroquial

- O Código define paróquia territorial e também paróquias pessoais.
- A territorial define os paroquianos moradores dentro do espaço.
- O cuidado pastoral cabe ao pároco, estando unido ao seu bispo.
- É o espaço onde se ouve a Palavra de Deus e participa da Eucaristia.

4.6. Comunidade: casa de cristãos

- A comunidade cristã é a experiência de Igreja ao redor da casa.
- A paróquia é a própria Igreja que vive no meio das casas dos cristãos.
- Comunidade é ideia de casa, ambiente de vida, referência e aconchego.
- No NT a palavra casa pode ser comunidade-Igreja sobre pedras vivas.

4.6.1. Casa da Palavra

- A comunidade cristã é onde se escuta, acolhe e pratica a Palavra.
- É como Deus tendo armado sua tenda entre nós, morada de Deus.
- A Igreja é casa da Palavra, onde o cristão escuta e responde a Deus.
- Então é casa de iniciação à vida cristã na perspectiva da ação bíblica.

4.6.2. Casa do pão

- O cristão se alimenta e vive da eucaristia na vida da comunidade.
- Na eucaristia há o encontro de Deus com os cristãos e deles ente si.
- Ela é fonte inesgotável de vocação cristã e de impulso missionário.
- Motivados na celebração eucarística, o cristão pratica a caridade.

4.6.3. Casa da caridade – ágape

- A Palavra e a Eucaristia dão ao cristão uma nova dimensão de vida.
- A presença de Deus em sua vida lhe dá a dimensão do amor-ágape.
- “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelo amigo”
- A amizade-ágape se traduz em compaixão e opção pelos pobres.
- A comunidade deve ser também presença pública da Igreja no mundo.

4.7. Comunidades para a missão

- A comunidade cristã é missionária quando age em favor da dignidade.
- Supõe um testemunho que vem antes das palavras e gera missão.
- A missão supõe testemunho de proximidade afetuosa como fez Jesus.
- Supõe anúncio explícito da Boa Nova de Jesus, anúncio do querigma.
- Há pessoas que perderam o brilho da fé e vivem testemunho opaco.
- O querigma inclui o testemunho, que desmascara as mentiras.
- Uma fé sem testemunho e sem carisma não consegue mudar nada.
- Uma paróquia, para ser missionária, deve ir ao encontro das pessoas.

4.8. Breve conclusão

- A Igreja ajuda o encontro da ação de Deus com a resposta humana.
- Apesar de viver no mundo, no tempo, destina-se para a eternidade.
- A descentralização da paróquia ajuda na proximidade e no encontro.

- O que derruba estruturas caducas e leva a mudar é a missionariedade.

CAP V – Sujeitos e tarefas da conversão pastoral

- Fieis leigos e ordenados participam da conversão pastoral.
- Os sujeitos e as tarefas dependem de encontro pessoal com Jesus.
- Jesus apresenta um novo jeito de agir e cuidar das pessoas.
- A conversão paroquial depende de um renovado amor à pastoral.
- A fonte primeira para isto está no Batismo e na Ordem.
- O missionário tem que ser presença evangelizadora nas periferias.
- Há medo de sair do centro, de descentralizar e prejudica a conversão.
- O centro é Jesus, que convoca e envia com coragem apostólica.
- Missão é corresponsabilidade desprendida, responsabilidade apostólica.

5.1. Os bispos

- São os primeiros responsáveis a fomentar a conversão paroquial.
- Fazer da Igreja casa e escola de comunhão desencadeando conversão.
- Papa Francisco os estimula serem pacientes, misericordiosos e simples.
- Os bispos devem ser os animadores de uma nova mentalidade.
- Devem fortalecer o clero na sua missão e na sua espiritualidade.
- Sem isto, será difícil uma paróquia ser comunidade de comunidades.

5.2. Os presbíteros

- Sejam padres-pastores, dedicados, generosos, acolhedores e abertos.
- Um sinal preocupante é a sobrecarga, prejudicando o seu equilíbrio.
- Há padres desencantados, cansados, apáticos, insensíveis, rudes etc.
- Preocupação com a formação do padre para acompanhar as mudanças.
- O padre pode ficar atrasado no tempo e afastado da realidade.
- A renovação paroquial depende de vivência mais comunitária do padre.
- Para haver mudança é fundamental a postura pessoal do presbítero.
- Ele não é mero delegado ou representante da comunidade, é um dom.
- Deve ser acolhedor, ter paternidade espiritual sem distinção.
- Há uma exigência: que o padre seja autêntico discípulo de Jesus Cristo.
- Somente um sacerdote apaixonado por Cristo transforma a paróquia.
- Ele tem que ser homem de Deus com profunda intimidade com Cristo.
- É importante a formação permanente do padre e nos Seminários.

5.3. Os diáconos permanentes

- Devem ser formadores de novas comunidades eclesiais nas periferias.
- A conversão paroquial depende também da atuação dos diáconos.

- Com a dupla sacramentalidade, explicitam a unidade eclesial.
- Podem assumir comunidades não territoriais: dependentes químicos.
- Em caso de necessidade, podem administrar uma paróquia.

5.4. Os consagrados

- Todos os religiosos na pastoral devem ajudar na renovação paroquial.
- As religiosas ajudam as paróquias com sua presença junto às famílias.
- Apostolado estar em comunhão com a diocese e o plano de pastoral.
- Estejam em sintonia com a caminhada, evitando ação paralela.
- Seu vínculo com a diocese seja jurídico, pastoral e missionário.

5.5. Os leigos

- Sua missão tem origem nos sacramentos, Batismo e Confirmação.
- A atuação seja de testemunho de Cristo na ajuda aos pastores.
- O leigo precisa superar o clericalismo e participar das pastorais.
- Reconhecer a diversidade de carismas, serviços e ministérios.
- O Código prevê a possibilidade de o leigo administrar uma paróquia.
- Para isto é necessário um processo integral de formação laical.
- Processo programado, sistemático, que inclua a Doutrina Social.
- Leigo clericalizado é ser mais cômodo e sem compromisso social.
- O clericalismo do leigo é falta de maturidade e de liberdade cristã.
- O leigo cristão deve ter consciência de vocacionado para "ser Igreja".

5.5.1. A família

- Ela tem sido confrontada com outras formas de convivência.
- Encontros de famílias são exemplos de iniciativas de vida comunitária.
- Há políticas públicas que não respeitam a família como célula social.
- Propaga-se o ser feliz sem levar em conta o amor com compromisso.
- Namoro e casamento vivem crise de afeto e não criam vínculos.
- Na paróquia participam pessoas de variadas formas de vida.
- Sem vínculo sacramental, segunda união, sozinhos com filhos, avós.
- Usar sempre de misericórdia com a família, acolher, orientar e incluir.

5.5.2. As mulheres

- Há intensa participação das mulheres nas comunidades paroquiais.
- Participam na catequese, liturgia, ministras, enfermos, acolhida etc.
- Francisco: "Igreja sem as mulheres é Colégio Apostólico sem Maria".
- Elas são a maioria nas diversas comunidades paroquiais.
- Precisam ser valorizadas, porque ajudam na renovação paroquial.

5.5.3. Os jovens

- Ter abertura para os jovens porque eles moram no coração da Igreja.
- Opção afetiva e efetiva pelos jovens anunciando-lhes o amor de Cristo.
- Eles devem ter espaços adequados para seu engajamento comunitário.
- Dar atenção aos jovens que vivem em situação de risco e exclusão.
- Os jovens são riqueza de uma comunidade, com seu jeito próprio.
- Eles têm ousadia e destemor para vencer a comodidade de hoje.
- Sem o rosto jovem a Igreja acaba se apresentando desfigurada.
- Usar as redes sociais para cativar os jovens, onde eles interagem.
- O papa Francisco lhes sugere vencer as tentações do provisório.

5.5.4. Os idosos

- Há muitos idosos nas comunidades e nem sempre são escutados.
- Testemunhas da história, com valores que precisam ser resgatados.
- Devem participar de encontros para evitar situações de isolamento.
- Criar entre eles laços de amizade para evitar situação de abandono.
- Para muitos idosos a comunidade paroquial é uma nova família.
- Criar espaços para eles e relacionamento com jovens e crianças.

5.6. Comunidades Eclesiais de Base

- A CEB é instrumento para o povo ter encontro com a Palavra de Deus.
- É espaço onde se cria compromisso social em nome do Evangelho.
- Espaço também de educação da fé e de surgimento de serviços leigos.
- Provocam nos cristãos um novo ardor missionário e evangelizador.
- Através das CEBs os leigos conseguem melhor dialogar com o mundo.
- Em contato com a Igreja local, tornam-se sinal de vitalidade da Igreja.
- Elas constituem um dos traços mais dinâmicos da vida da Igreja.
- São a presença de Igreja junto aos mais simples de forma corajosa.
- Formam comunidades com acento missionário e sócio-transformador.
- Centralidade na Palavra de Deus, na Eucaristia e nos pequenos grupos.
- As CEBs contribuem com a conversão pastoral da paróquia.

5.7. Movimentos e associações de fieis

- São sinais da Providência de Deus para a Igreja de hoje.
- Existem no Brasil novas experiências que enriquecem a todos.
- Muitos movimentos leigos são engajados nas comunidades.
- É preciso interrogar os que fazem um caminho mais autônomo.
- São escolas ou linhas de espiritualidade e reúnem muitas pessoas.

- Têm um aspecto transterritorial com carismas específicos.
- O desafio é ter vivência de comunhão e de pastoral de conjunto.
- Como são supradiocesanos, têm dificuldade com as dioceses.
- Às vezes há desconforto e preconceito nas relações na comunidade.
- De ambas as partes deve haver abertura para um diálogo sadio.
- Haja fidelidade, participação, comunhão e colaboração de todos.
- Não podem colocar-se no mesmo plano das comunidades paroquiais.
- Também não podem alimentar pretensões de ser totalidade.
- As paróquias não têm direito de excluir ou negar sua existência.
- Não podem ser nômades sem raiz, mas integrados na pastoral.

5.8. Comunidades ambientais e transterritoriais

- Há grupos de moradores de rua, universitários, empresários, artistas.
- Nos hospitais pode haver verdadeira comunidade e deve ser assistida.
- Pensar e planejar ação evangelizadora também nesses ambientes.
- As escolas também podem ser comunidades e devem ser atendidas.
- As universidades como grande areópago, devem ter presença cristã.
- É importante ter a Pastoral Universitária para anúncio da Boa Nova.

5.9. Breve conclusão

- A renovação supõe estímulo de organização nesta diversidade.
- Criar vínculo e partilha de caminhada com uma pastoral planejada.
- A paróquia é importante, mas insuficiente na tarefa de evangelização.
- Diante da complexidade de hoje, é preciso encontrar meios e recursos.

CAP VI – Proposições pastorais

- Temos que superar a tentação pastoral de agir com as próprias forças.
- Temos o forte alerta: “sem Cristo nada podemos fazer” (Jo 15, 5).
- Papa Francisco: “nunca haver evangelização sem o Espírito Santo”.

6.1. Comunidades da comunidade paroquial

- A grande comunidade deve formar grupos menores para descentralizar.
- Com isto consegue chegar aos mais afastados criando novas unidades.
- A setorização vai ajudar na renovação se forem formadas lideranças.
- O protagonismo dos leigos depende de boa preparação dos agentes.
- Necessita de bom planejamento evitando concentração na matriz.
- Supõe nova organização e delegação de responsabilidade aos leigos.
- Deve ser uma organização mais simples evitando ser miniparóquia.
- A paróquia precisa formar pequenos grupos e comunidades.

- Com isto vai conseguir ampliar a interação e engajamento de muitos.
- Essas pequenas comunidades devem ser formadas por quem já atua.
- Primeiro atrair quem participa apenas de missas ou celebrações.
- Depois atrair os afastados num processo mais missionário.
- Setorizar a paróquia por território, ou por afeto, ou por interesse.
- Uma vizinhança geográfica pode não formar grupos de reflexão.
- Há grupos formados por moradores de locais distintos e distantes.
- O importante são os encontros regulares, seja na cidade ou zona rural.
- O fundamento da comunidade ou grupo está na Palavra e na Eucaristia.
- É fundamental formar comunidades com pessoas que se integram.
- Fazer com as comunidades um itinerário formativo com subsídios.
- Unir Palavra, catequese e formação da consciência crítica.
- Na comunidade as pessoas quando acolhidas saem do anonimato.

6.2. Acolhida e vida fraterna

- Na comunidade existem tensões e dissensões, mas também perdão.
- A inveja, fofoca e interesses pessoais corrompem a comunhão.
- A vida comunitária não está em cargos, mas em ser discípulo de Cristo.
- Não é possível acolher os afastados se os membros se desentendem.
- Existem comunidades que mais afastam do que acolhem as pessoas.
- Paróquia e comunidade que testemunham o amor são missionárias.
- A renovação paroquial significa recuperar as relações de comunhão.
- Uma comunidade missionária significa ser comunidade acolhedora.
- Muita gente procura os sacramentos, mas acabam afastadas da Igreja.
- Mensagem mais direta e acolhida autêntica recuperam os distantes.
- É urgente acolher melhor estabelecendo relações mais personalizadas.
- O diálogo na secretaria paroquial é porta de entrada na comunidade.
- A evangelização só será possível quando houver prioridade na escuta.
- Muitas pessoas procuram a Igreja nos momentos mais difíceis da vida.
- Elas devem ser ouvidas com carinho e acompanhadas nas urgências.
- Para isto é necessário formar pessoas com capacidade para escuta.
- O papa Francisco fala de proximidade e acompanhamento das pessoas.
- É importante a reconciliação, acompanhamento espiritual e orientação.
- Para isto o pároco precisa alterar agenda e delegar funções aos leigos.
- Evitar obstáculos doutrinários ou morais e ter atitudes de misericórdia.
- Na pedagogia divina, o abraço materno da Igreja vem antes de tudo.
- A conversão pastoral paroquial faz dela instância de acolhida e missão.
- Promover a cultura do encontro e ter suas portas sempre abertas.
- Vencer resistências por causa de segurança, mas encontrar caminhos.
- Rever os horários, criando oportunidades para o povo participar.

6.3. Iniciação à vida cristã

- Renovação paroquial depende de ela ser casa de iniciação à vida cristã.
- A catequese deve ser prioridade, criando novo olhar e nova prática.
- Isto ainda é desconhecido em muitas comunidades e desvalorizado.
- A catequese deve ser assumida dentro das orientações de hoje.
- Dar passos catecumenais, com metodologia e processos próprios.
- Processo: querigma, conversão, discipulado, comunhão e missão.
- Catequese que esteja centrada na animação bíblica de toda pastoral.

6.4. Leitura Orante da Palavra

- A paróquia deve ser casa da Palavra e promover nova evangelização.
- A Leitura Orante da Palavra faz da paróquia contínua animação da vida.
- Palavra lida em comunidade evita reducionismo intimista e ideologias.
- É importante a homilia, breve e com linguagem do povo e da cultura.
- Evitar homilia como discurso genérico, abstrato e divagações inúteis.
- Por isto, quem faz a homilia tem que se preparar bem e com orações.
- Onde não há sacerdotes, haja a celebração do culto com a Palavra.
- O ministro da Palavra seja bem preparado, humilde e acolhedor.
- Quando agimos assim, as pessoas se animam mais em participar.

6.5. Liturgia e espiritualidade

- Após o Vaticano II cresceu a participação das pessoas nas celebrações.
- Mas algumas experiências mostram que há muita fala e pouca reza.
- São celebrações sem espiritualidade e sem vivência do celebrado.
- Celebrações sem encontro com o mistério e vira encontro de pessoas.
- Existem comentários longos, cânticos desalinhados e falta de silêncio.
- A eucaristia renova a vida em Cristo e a adoração educa a pessoa.
- O domingo deve ser mais valorizado como alegria e encontro familiar.
- Muitas comunidades não têm celebração eucarística, mas da Palavra.
- É preciso encontrar soluções maduras para enfrentar esta questão.
- A rede de comunidades deve ter vida espiritual, celebrativa e caritativa.
- As celebrações não podem levar a fugas intimistas da realidade.
- Ao contrário, deve levar à solidariedade e à alteridade na comunidade.
- Valorizar a piedade popular com a Palavra e celebração do mistério.
- Ver na devoção a Maria um caminho de seguimento de Jesus Cristo.

6.6. Caridade

- As comunidades devem acolher a todos, os perdidos e excluídos.
- Eles devem encontrar aconchego e espaço por parte dos de casa.
- A caridade cristã deve ser resposta aos que mais necessitam de ajuda.

- Ser bom samaritano com os rostos caídos pela beira do caminho.
- Dependentes, desempregados, dementes, soropositivo, idosos etc.
- Acolher os divorciados, segunda união, solitários, deprimidos, doentes.
- Marcar presença na defesa da vida, ecologia, ética na política etc.
- Cuidar da cidadania, da integridade da terra, da biodiversidade.
- Iniciativas: evitar o álcool em festas para não cair em contradição.
- Encontrar saídas alternativas como o incentivo ao dízimo paroquial.

6.7. Conselhos, organização paroquial e manutenção

- A comunidade paroquial exige comunhão, participação e engajamento.
- Todos devem colaborar de forma organizada, frequente e generosa.
- Os recursos financeiros devem vir da partilha como sinal de comunhão.
- As paróquias devem trabalhar a pastoral do dízimo como processo.
- Não exagerar na ação porque pode surtir efeito contrário na pastoral.
- É importante favorecer o espírito de subsidiariedade e protagonismo.
- Valorizar muito na paróquia os Conselhos pastorais e econômicos.
- Nos Conselhos os leigos podem desenvolver seu protagonismo cristão.
- Escolher membros discípulos missionários para atuar nos Conselhos.
- Atender as necessidades pastorais e não só construções e reformas.
- Financiar, manter e qualificar obras e ações sociais com fé autêntica.
- Prestar contas e ter uma gestão transparente e contar com os leigos.
- Haja espírito de partilha entre as paróquias de forma permanente.
- Distribuir melhor os atendimentos com justa proporcionalidade.
- Ter unidade com a diocese através do Plano Diocesano de Pastoral.
- Dar atenção aos vínculos com outras paróquias como igrejas irmãs.

6.8. Abertura ecumênica e diálogo

- Convivemos com pessoas de outros credos, no pluralismo religioso.
- A atitude ecumênica e o diálogo garantem o respeito e acolhimento.
- Valorizar a "Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos" enriquece.
- Trabalhar juntos no serviço à vida e na defesa dos direitos humanos.
- A unidade é um dom do alto, que o Espírito suscita nos corações.
- A cultura do encontro ajuda no diálogo inter-religioso no pluralismo.

6.9. Nova formação

- A conversão da paróquia depende de uma formação com novo estilo.
- Encontrar metodologias e processos que levem à conversão da pessoa.
- Considerar a prática das comunidades e as experiências das pessoas.
- Formação mais interativa no sentido de formar-se junto com outros.
- Formação mais prática e qualificada em todos os níveis da pastoral.

- A conversão pastoral depende da preparação dos presbíteros, párocos.
- É necessário criar nova consciência pastoral e missionária no clero.
- Promover processo metodológico que envolva saber, fazer, ser cristão.
- Uma sugestão: Escola Diocesana de Formação de Catequistas.
- Escola com espaço sistemático, orgânico e permanente de formação.

6.10. Ministérios leigos

- Há na Igreja uma pluralidade de ministérios, carismas e serviços.
- Preparar leigos para assumir os diferentes ministérios e serviços.
- Que eles sejam autênticos animadores das comunidades eclesiais.
- Investir na formação doutrinal, pastoral e espiritual dos leigos.

6.11. Cuidado vocacional

- A família e a paróquia são os primeiros seminários vocacionais.
- É na paróquia que fortalece a consciência vocacional da Igreja.
- Toda paróquia deve rezar pelas vocações como pede Jesus.
- O cultivo vocacional depende muito do testemunho dos presbíteros.
- Palavra do papa Francisco: das comunidades cristãs surgem vocações.

6.12. Comunicação na pastoral

- A comunidade interage, sempre mais, por meio virtual com a paróquia.
- A paróquia precisa saber apresentar a linguagem da comunicação.
- Linguagem direta e objetiva, menos prolixa e com metodologia.
- Os idosos têm seguido muito os meios televisivos em missas e terços.
- Os santuários na mídia devem favorecer a conversão pastoral.
- Desafio das TVs e sites: garantir comunhão na pluralidade de opções.
- A comunhão paroquial com fieis que só interagem com esses meios.
- Podem prejudicar os vínculos associativos comunitários, doações etc.

6.13. Sair em missão

- Há muitos católicos não evangelizados e com fraca identidade cristã.
- Além disto, pouca pertença eclesial e buscam outras igrejas.
- Não querem deixar a Igreja, mas querem fazer encontro com Deus.
- É urgente buscar os que se afastaram da comunidade sem formação.
- Aproveitar os momentos de preparação para os sacramentos.
- Ter um olhar menos julgador e melhor acolhedor nesses momentos.

6.14. Breve conclusão

- Transformar a paróquia em comunidade de comunidades por meio de:
- Formar pequenas comunidades com base na Palavra e na Eucaristia.
- Formar Conselhos de Pastoral e Econômico com participação leiga.
- Valorizar o laicato, dando boa formação e despertar novos ministérios.
- Acolher a todos com caridade, fazendo opção preferencial pelos pobres.
- Paróquia ser centro de irradiação e animação da fé e da espiritualidade.
- Dar atenção aos condomínios e conjuntos residenciais populares.
- Ter comunhão com a diocese, usar a mídia e ser Igreja em saída.

Conclusão

- Novos contextos e oportunidades para assumir o discipulado e missão.
- Superar burocracia, desânimo e ser comunidade viva, servicial e aberta.
- A conversão seja radical, tanto de indivíduos como de comunidades.
- Gerar comunidades não ficando preso à territorialidade física.
- Ser também não territorial, ambiental, ou opcional por afinidade.
- A novidade será missionária com novo tipo de relacionamentos na fé.
- Ocupar tempo, interesse e recursos com as pessoas e não só projeto.
- Não ficar apenas em atividades e tarefas, mas gratuidade, amizade.
- O modelo programático do "fazer" seja paradigmático do "ser cristão".
- Com a Missão Continental programar renovação paroquial no Brasil.
- As novas paróquias devem facilitar que o povo encontre Água Viva.
- São João XXIII: a paróquia é fonte da aldeia que sacia a sede de todos.
- Confiar à Virgem Maria, Senhora Aparecida, o empenho de renovação.
- Que o Espírito ilumine e conduza os passos da renovação paroquial.
- A conversão paroquial depende de renovação espiritual e pastoral.
- Tudo isto vem provocar e expressar a sonhada nova evangelização.

*Síntese feita por
Dom Paulo Mendes Peixoto
Uberaba, MG.*